

CULTURAS INDÍGENAS MIDIATIZADAS: Um estudo de caso em Comunicação

Helânia Thomazine Porto¹

Resumo: Nesse texto pontuamos quatro aspectos relativos a um estudo de caso em Mídiação: Comunicação como disciplina indiciária, a mídiatização no contexto indígena, a estruturação do estudo de caso e a empiria na apreensão dos observáveis - por esses corroborarem na reconfiguração da pesquisa “Culturas indígenas mídiatizadas: os processos sociocomunicacionais em uma comunidade indígena baiana”. A referida pesquisa se configura como um estudo de caso em mídiatização, esta como subcampo da Comunicação, em transversalidade com outras temáticas, tais como sociais, culturais, identitárias e étnicas, consequentemente com outras ciências, como Sociologia, Antropologia, Linguística, História e Artes. Assim, a análise dos usos e das apropriações da televisão, do rádio, da internet e de aparelhos celulares pelos indígenas Pataxós se dará a partir de uma dialética com seus contextos, seus engajamentos políticos e com suas práticas comunicacionais e culturais. Os estudos até então realizados têm apontado que o estudo de caso é de grande utilidade em pesquisas que demandam movimentos exploratórios. Contudo, como toda teoria e metodologia, o estudo de caso também apresenta avanços e limites na sua aplicação, o que nos conduz a inferir que a epistemologia apresentada não exclui as demais, uma vez que a busca de indícios não nos remete a fenômenos imediatamente evidentes, pois a base do paradigma não é colher e descrever indícios, mas sim, a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimentada espontaneamente.

Palavras-chave: Culturas Indígenas. Mídiatização. Estudo de Caso. Comunicação.

Abstract: In the construction of this paper we pointed out four aspects: the communication as evidentiary discipline, the media coverage in the Indian context, the structure of the case study and empiricism in the seizure of observable - for these topics corroborate the reconfiguration of the research "mediatized Indigenous Cultures: the sociocomunicacionais processes in a Bahian indigenous community. " Such research is configured as a case study in media coverage, this as Communication subfield in crosscutting with other issues such as social, cultural, identity and ethnic consequently with other sciences such as Sociology, Anthropology, Linguistics, History and Arts . Thus, the analysis of the uses and appropriations of television, radio, the internet and mobile devices by indigenous Pataxós will be made from a dialectic with their contexts, their political commitments and their communication and cultural practices. The studies have pointed out that the case study is useful in research that require exploratory movements. However, like all theory and methodology, the case study also features advances and limitations in its application, which leads us to infer that the epistemology presented does not exclude the other, since the search for evidence not leads us to immediately obvious phenomena because the paradigm of the base is not spoon and describe evidence, but rather the ability to, from seemingly insignificant data, reassembling a complex reality not experienced spontaneously.

Keywords: Indigenous Cultures. Media coverage. Case study. Communication.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professora Assistente do Departamento de Educação – Campus/UNEB X. E-mail: hveronez@uneb.br

1. Apresentando a temática

Nesse texto pontuamos quatro aspectos relativos a um estudo de caso em Mídiação: Comunicação como disciplina indiciária, a mídiação no contexto indígena, a estruturação do estudo de caso e a empiria na apreensão dos observáveis - por esses corroborarem na reconfiguração da pesquisa “Culturas indígenas midiadas: os processos sociocomunicacionais em uma comunidade indígena baiana”.

O projeto de pesquisa situa-se nas interfaces cultura, mídiação, identidade étnica e cidadania, pois pretende analisar as experiências de usos e de apropriações de mídias pelos indígenas Pataxós da aldeia Reserva da Jaqueira, município de Porto Seguro (BA), averiguando se essas possíveis interações têm contribuído para suas táticas de resistência cultural e política, e em seus processos de lutas pelo território e de resistência cultural.

A referida pesquisa se configura como um estudo de caso em mídiação, esta como subcampo da Comunicação, em transversalidade com outras temáticas, tais como sociais, culturais, identitárias e étnicas, conseqüentemente com outras ciências, como Sociologia, Antropologia, Linguística, História e Artes. Assim, a análise sobre a inter-relação entre identidade cultural, etnia e mídiação aponta para a necessidade de entrelaçamentos da comunicação no contexto da cultura em sua dinâmica social e histórica. O que significa descrever e interpretar os usos e as apropriações da televisão, do rádio, da internet e de aparelhos celulares pelos indígenas Pataxós a partir de uma dialética com seus contextos, seus engajamentos políticos e com suas práticas comunicacionais e culturais.

Nesse sentido, comungamos com Braga (2008) quanto à consideração de que a Comunicação é uma disciplina indiciária, em que o exercício da produção de conhecimento no campo desta seja próximo dos demais, conforme o fenômeno elegido, isto é, em constante diálogo com diversas ciências. Assim, acreditamos que este estudo de caso em Comunicação se faz nessa travessia, esta como possibilidade de construção de estratégias, de escolhas de procedimentos, de observações, de sistematizações das informações apreendidas, das análises, das mudanças necessárias e de reformulações, uma vez que a singularidade de cada objeto de pesquisa é que promoverá a elaboração de práticas metodológicas e a eleição de epistemologias.

2. Mídiação em redes semânticas para pensarmos os indígenas midiados

A revolução tecnológica vem introduzindo em nossas sociedades um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e

distribuição desses bens e serviços. Apesar, dos meios de informação e comunicação incorporarem novas linguagens, ampliem a fluidez de saberes e modifiquem tanto as formas de aquisição do conhecimento como os locais em que são institucionalizados. É preciso, entretanto, evitar o reducionismo de se tomar as transformações da construção cultural como derivado apenas da influência da mídia ou dos usos dos meios de comunicação.

Quanto a essas relações Canclini (1997, p. 30) diz que “as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento”. O que na concepção de Thompson remete a ampliação dos “contextos interativos”, cujo significado maior, em termos qualitativos, é o de interferir na reorganização dos padrões de interação social, uma vez que “o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais”. (2008, p. 77).

Apesar de ir ao encontro da argumentação de Thompson ao inferir que “se atentarmos, para o impacto transformativo da mídia, chegaremos a uma visão bem diferente do caráter mutável da tradição e de seu papel na vida social”. (2008, p. 166), considerarmos que a transformação da tradição da cultura indígena Pataxó não está relacionada tão somente aos meios de comunicação. Conforme, Coutinho, “o movimento de reelaboração de formas culturais do passado pode ser compreendido como *aufhebung*, expressão hegeliana que significa, a um só tempo, conservação, eliminação e renovação”, (2005, p. 11). Assertiva que parece representar em parte os anseios dos Pataxós, o acesso e o domínio dos meios de interação sociocomunicacionais por meio das técnicas, não apenas na perspectiva da recepção, mas também na condição de protagonistas.

Nesse sentido, acatamos também as ideias de Verón (2004 e 2013), Castells (2013), Martín-Barbero (2006) e de Maldonado (2013) de que as contínuas transformações das tecnologias da comunicação na era digital têm possibilitado a ampliação do alcance dos meios de comunicação para diversos domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente local e global, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança. Não deixando dúvidas quanto ao potencial da mídia na constituição e dinamização de diversas identidades contemporâneas, pois os sujeitos, por meio dos meios de comunicação, podem observar e serem observados, aprender e ensinar em espaços temporalmente distantes, mantendo um contato flutuante com quadros culturais múltiplos e com distintos modos de ser.

Dentre os diversos teóricos que defendem essa assertiva, destacamos as considerações de Verón (2013) ao situar a midiatização como um fenômeno que transcende os meios instrumentais. Portanto, como meio de comunicação social, que pode estar relacionado tanto

aos originários da evolução tecnológica quanto às outras formas de comunicação e informação frente às necessidades sociais, explicitando que um meio de comunicação social é um dispositivo tecnológico de produção-reprodução de mensagens associado às determinadas modalidades (ou práticas) de recepção de mensagens² e/ou suportes técnicos que engendram processos complexos e simbólicos de produção e recepção e que se configuram de forma não linear.

Para esse cientista os processos midiáticos terão sempre uma natureza individualizada³, mesmo que no decorrer das trajetórias existam entrelaçamentos coletivos nos sentidos produzidos. Essa argumentação nos instiga a pensar as mídiatizações realizadas pelos Pataxós, tanto no âmbito individual quanto na coletividade. Colocando, de tal modo, a análise das mídiatizações a partir de seus contextos midiáticos, sociais, históricos e culturais.

Atentando-se para uma dimensão mais abrangente desse fenômeno, Fausto Neto (2008) diz que a constituição da sociedade, as formas de vida e interações têm sido transformadas em função da convergência de fatores que não são apenas tecnológicos, mas também sociais, econômicos e culturais. Assim, as mídias já não são apenas instrumentos de um processo de interação entre campos diversos, essas vêm se constituindo como uma nova ambiência, novas formas de vida e de interações sociais atravessadas por novas modalidades sociotécnicas e enunciativas.

A pesquisadora Rosa (2013 e 2014) também defende que a comunicação é atravessada por dimensões sociais, técnica e discursiva. Assim, a mídiatização é entendida como uma das formas de compartilhar os sentidos produzidos através de estratégias empregadas e pelas lutas travadas entre os campos sociais envolvidos no processo comunicacional.

Essa argumentação suscita uma outra, de que os processos midiáticos podem ser entendidos como dinâmicas configurantes e atualizantes das “matrizes culturais⁴”, redesenhando, assim, as identidades culturais, ao considerarmos que a constituição da sociedade, as formas de vida e as interações têm sido transformadas em função da convergência

² Poderíamos relacionar vários exemplos a partir dos estudos realizados por Verón, mas nesse texto selecionamos o artigo “O espaço de suspeita”, Verón (2004) empreende análises das capas das revistas *Observateur* e *Minute*. Dentre as várias observações e análises apresentadas nas suas análises, ressaltamos a alegação de que mídia ocupa um lugar importante na sociedade, e que as relações sociais criadas pela mídia, especificamente pela gramática da oferta da linguagem pode influenciar nas opiniões e nos comportamentos dos sujeitos.

³Nesse sentido, o sujeito é colocado como fundamental no processo de comunicação mídiatizada.

⁴ Segundo Russi- Duarte (2007, p. 168), matrizes culturais são dinâmicas resultantes da manutenção, articulação, entrelaçamento, combinações, tensões e (re) desenhos de repertórios e experiências ligadas; nessa pesquisa, situamos tal questão na comunidade indígena.

de fatores que não são apenas tecnológicos, mas também sociais, econômicos e culturais.

Assim, para apreensão da midiatização, Ferreira (2015) sugere que é necessário pensá-la em termos de circulação, a partir de uma matriz triádica: contextos sociais, processos comunicacionais e dispositivos midiáticos. Para esse autor a midiatização seria algo que acontece nas relações desses três vértices que se autorregulam⁵ quando em uso, por uma fluidez da experiência, uma fluidez nas relações, nos modos e/ou objetos de consumos, centrada no movimento do universo midiático. Nesse caso, “a mediação, enquanto processo, é o exercício efetivo de construção social das possibilidades sempre renovadas de comunicação”. (Ferreira; Rosa, 2011, p. 26).

O referido estudo de caso tem sido construído levando em consideração a premissa de que as mídias vêm assumindo um importante papel nos processos comunicacionais dos diferentes grupos sociais, tanto para os que vivem em aldeias, comunidades ribeirinhas e no campo quanto para os que vivem nos centros urbanos, uma vez que a ideia de midiatização diz respeito a penetração das mídias nos contextos dos sujeitos de diversos modos; configurando-se, em cada conjuntura, uma realidade comunicacional específica, conforme a sua oferta, seus usos e apropriações, situando as análises dos processos midiáticos como dinâmicas que ressignificam e atualizam as identidades culturais. Uma vez que o caráter dialógico na comunicação não pode ser divorciado das esferas sociais e culturais dos sujeitos, por conseguinte o comportamento de cada sujeito e do coletivo em uma dada relação midiática é determinada também pelos interlocutores e espaços midiáticos.

Tais assertivas vem nos possibilitando problematizar acerca das identidades culturais dos indígenas Pataxós na atualidade, frente às midiatizações, por meio das questões investigativas: Que usos e apropriações os indígenas da Reserva da Jaqueira, da etnia Pataxó, realizam das mídias em inter-relação com seus processos comunicacionais, culturais e identitários e na perspectiva de constituição de cidadania comunicativa? Como esses indígenas utilizam as mídias e como estas apropriações se vinculam à construção de suas identidades e ao exercício da cidadania? Que sentidos (sociais, políticos e culturais) são atribuídos ao poder interativo estabelecidos pelos Pataxós em suas relações sociocomunicativas? A partir de que lógicas esses processos sociocomunicativos são estruturados?

Ao indagarmos de que forma essas apropriações se vinculam com a construção da

⁵ Sobre a autoregulagem dos dispositivos, Ferreira (2015) exemplifica: (i) os dispositivos midiáticos integrando os contextos sociais através dos processos comunicacionais; (ii) os processos comunicacionais integrando os contextos sociais através dos dispositivos midiáticos; (iii) os contextos sociais reestruturando os processos comunicacionais por meio dos dispositivos midiáticos; (iv) os dispositivos midiáticos reestruturando os processos comunicacionais através dos contextos sociais; etc.

cidadania, incluindo a comunicativa, estamos respaldados nas avaliações de Ford (1999), quando chama atenção para as escassas reflexões realizadas acerca das políticas de comunicação na América Latina. Apesar do estabelecimento de algumas diretrizes⁶ que apontam para o direito à informação e à comunicação, esse tem sido entendido como algo distante e abstrato, não se avalia o direito de ver e de ser visto, de ouvir e ser ouvido, de receber uma resposta, entre outros que envolve a midiaticização. Indicativos que vão ao encontro do que pretendemos analisar a partir desse estudo de caso.

3. Os sujeitos da midiaticização no espaço temporal e geográfico

O conhecimento de outros grupos humanos torna-se possível quando somos capazes de aprender com aqueles que queremos conhecer e compreender. Ao trilharmos por esses caminhos da descoberta da história e da cultura do outro, nos deparamos com atitudes, pensamentos, jeitos de sentir que nos são familiares, porque afinal, como humanos, a ideia que criamos sobre nós mesmos subjetivamente se reconstrói a partir das imagens que vemos refletidas nos outros. Nessa interação é preciso que tenhamos o cuidado de respeitar as singularidades de cada um, principalmente o direito de o outro pensar, falar, viver e ser diferente.

Acreditamos que só por meio de leituras, em sentido das análises das experiências sociocomunicacionais dos Pataxós, poderemos compreender seus processos midiáticos. Nessa perspectiva, propomos uma leitura do cotidiano do grupo Pataxó da aldeia Reserva da Jaqueira, de sua etno-história, de seus modos de vida e da conquista dos territórios, e particularmente, de suas midiaticizações.

No Brasil pré-colonial, os textos sobre os indígenas sempre foram acompanhados de registros visuais, primeiro as pinturas e depois as fotografias, registros realizados a partir de uma perspectiva eurocêntrica. Assim, por longos anos a imagem veiculada acerca dos indígenas

⁶ Há três documentos importantes: (1) *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, de 1948, no Artigo 19 – assegura que “todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por quaisquer meios de expressão”; (2) *Convenção Americana de Direitos Humanos*, de 1969 – estabelece que “toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento e de expressão. Este direito inclui a liberdade de procurar, receber e difundir informações e ideias de qualquer natureza, sem considerações de fronteiras, verbalmente ou por escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer meio de sua escolha” e (3) *Constituição Brasileira de 1988* (Cap. I, Artigo 5º, inciso IX) – defende: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”.

eram de sujeitos de rostos pintados, nus e em harmonia com a natureza; o que contribuiu para a construção de um índio idealizado e estagnado no tempo.

Como consequência ainda no século XXI, realizam-se leituras limitadas acerca dos indígenas, elegem como indígenas os que correspondem a imagem do índio idealizado, os que andam nus, que vivem em ocas na mata e falam Tupi, próxima da simbologia do bom selvagem, sem a necessidade das tecnologias do tempo presente. Assim, para muitos, qualquer indígena que fuja da imagem pré-colonial é acusado de ter perdido suas raízes como se fossem, os não-indígenas quem tivessem o poder e o direito de definir o que é identidade etnocultural. Na contramão dessa visão propomos a análise de uso e de apropriação de mídias por indígenas, não concordando com leituras reducionistas e preconceituosas. Assim, nesse momento, deixamos em suspenso a pesquisa empírica para tratarmos de epistemologias que suscitam reflexões inerentes as investigações propostas especificamente as que nos possibilitam pensar as práticas midiáticas indígenas, a partir de suas próprias lógicas de pertencimento; para que possamos descortinar seus pontos de vistas e suas táticas e estratégias de comunicação no mundo atual; para assim, entender como tal processo se insere na reconfiguração da identidade cultural.

No território nacional há aproximadamente 240 etnias. Segundo o Censo do Instituto Brasileiro Geográfico de Estatística (IBGE, 2010), 817,9 mil brasileiros se declararam como indígenas, isto é, 0,40% em relação à população total. Dessa porcentagem, 572 mil vivem em áreas rurais (em Terras Indígenas, de norte ao sul do território nacional) e 324.834 vivem em cidades. Os Pataxós vivem em aldeamentos, são aproximadamente 11.833 indígenas (conforme dados da Funasa, 2010), distribuídos em 30 comunidades, como os demais povos indígenas do leste brasileiro, sofreram sérias mudanças e transformações sociais, perdas significativas da cultura indígena e do território ao longo dos anos.

Os Pataxós Meridionais – povo pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê – que viviam no interior de matas situadas na serra da Mata no sul da Bahia e norte do Espírito Santo como indígenas isolados, divididos em hordas, movimentando-se livremente em busca de caça, de frutos e tubérculos encontrados em abundância naquelas matas, até o final do século XVII. Entretanto, com a expansão agrícola na floresta Atlântica que se deu pela crescente procura de certos produtos tropicais no mercado mundial, mormente no ano de 1727, quando houve o início das frentes de ocupação na região do sul da Bahia, empreendidas por agricultores que se interessaram pelas terras que ficavam entre os rios Paraíba e Doce, para o cultivo de algodão, fumo e das primeiras plantações de café. Período que houve a ocupação das áreas verdes, e essa nova expansão demográfica caminhou em direção aos grupos indígenas que se mantinham

autônomos nessa região. (Ribeiro, 1977), como os Pataxós.

Gradativamente, os indígenas que viviam nos territórios do sul e extremo sul foram subjugados e forçados a se recolherem em áreas demarcadas, como a Reserva Paraguaçu-Caramuru, no sul da Bahia, abrigando os Pataxós Hã-hã-hãe e Tupinambás e a Aldeia Barra Velha, no extremo sul da Bahia para asilar os Pataxó, Kamakans e Tupinambás. (Silva; Ferreira, 2000 e Porto, 2006), essa última situada entre a foz do rio Corumbau e do rio Caraíva, a 60 km da região do Parque Nacional Monte Pascoal.

Até a década de 1940 os Pataxós que viviam aldeados na região de Barra Velha, “certamente como a única comunidade exclusivamente indígena na região do extremo sul baiano” (Sampaio, 2000, p. 6) se agrupavam de acordo a sua função na aldeia: alguns viviam na comunidade, criando porcos, fazendo farinha. Porém, essa autonomia foi dramaticamente interrompida, quando as primeiras equipes técnicas do Serviço Florestal do Brasil (órgão anterior ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) visitaram a área, estabelecendo contatos para a demarcação do Parque Nacional Monte Pascoal, nos finais dos anos de 1940.

Insatisfeitos com as fronteiras impostas e com a vigilância da área do parque Monte Pascoal, o chefe da aldeia Barra Velha – Honório Ferreira e mais três aldeãos, em 1949, seguiram viagem para a capital do país – Rio de Janeiro, em busca de soluções quanto à demarcação das Terras Indígenas junto ao Marechal Cândido Rondon. (Porto, 2006).

Segundo os registros da Fundação Nacional do Índio de 1970, no início da década de 1950 apareceram dois cidadãos na aldeia Barra Velha, estes se apresentaram como representantes do governo e se propuseram ajudar os Pataxós. Mas, o auxílio apresentado pelos forasteiros surpreendeu os líderes da aldeia, pois esses sugeriram que os Pataxós saqueassem um pequeno comércio de um povoado, próximo ao rio Corumbau. Confiantes nesses supostos agentes do governo, os Pataxós saquearam o comércio. Essa atitude desencadeou reações violentas de moradores do povoado e estes acionaram militares das cidades de Porto Seguro (BA) e do Prado (BA) para conter os indígenas. Os militares cercaram a aldeia, prenderam os homens, atearam fogo nas casas e nas roças. A partir desse acontecimento, a aldeia Barra Velha foi sitiada e os Pataxós expulsos, o que culminou com a dispersão desse povo pela região.

Em 1961, o Parque Nacional de Monte Pascoal foi oficialmente instituído como área de preservação e de patrimônio nacional. Desse modo, ficou estabelecido que dos 22.000 hectares pertencentes aos Pataxós apenas 8.627 hectares, cerca de 40% de suas terras tradicionais, seriam de utilização desse povo. Aos que resistiram e permaneceram na área foi proibido fazer roçado,

obrigando-os a viverem na miséria, uma vez que a área demarcada era em areal, impróprio para o plantio. Essa situação perdurou por aproximadamente trinta anos.

No início da década de 1970, com a construção da BR101 – a Rio-Bahia, via de acesso para todo o litoral baiano, ocasionou a intensificação do turismo na Bahia, conseqüentemente do empreendedorismo imobiliário na região de Porto Seguro e Santa Cruz de Cabrália. Muitos Pataxó que viviam próximos a orla marítima dessa região, uma vez que não viviam mais em seus territórios, foram induzidos pelas imobiliárias a venderem, por preços irrisórios, suas áreas; outros entregaram a área, pois não possuíam título de posse. Essas sucessivas diásporas intensificaram os processos de integração e de assimilação da cultura dos não-índios.

Só no final da década de 1990 que esses indígenas começaram a ter resultados dos movimentos empreendidos com vista à retomada de seus territórios, notadamente com a demarcação da Terra Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, incluindo nessa área a Reserva Pataxó da Jaqueira, em 1997, ambas localizadas entre Porto Seguro e Santa Cruz de Cabrália. O reconhecimento do direito desses territórios impulsionou os demais Pataxós a continuarem resistindo e em mobilizações contra a desterritorialização. Nesse sentido, elegemos a aldeia Reserva Pataxó da Jaqueira como nosso estudo de caso, levando em conta a história e os contextos sociais e políticos, especificamente a (des)territorialização no passado e (re)territorialização no presente, em consonância com as novas empreitadas através dos usos e apropriações das diversas mídias. Sujeitos em movimentos, tanto na constituição da cultura quanto na sua própria constituição, em contínuas negociações, nos diferentes espaços, com vistas a diluição das fronteiras hegemônicas. (Hall, 2009).

Ao que se refere ao acesso as mídias, os indígenas da Reserva da Jaqueira têm em casa, rádio, televisão, além de aparelhos celulares. O acesso a rede de computadores e à internet é pela via das *lan houses*. Nesse processo midiático se esbarram nos limites de deslocamento, das taxas do serviço e do tempo reduzido de navegação na web. Em contrapartida o aparelho celular tem se popularizado no meio dos aldeados. Dependendo do modelo do aparelho, esses vem cumprindo a função de várias mídias. Um celular pode funcionar como rádio, câmera fotográfica, filmadora, computador para armazenar arquivos, acesso à internet, as redes sociais e a instalação de aplicativos para contatos, como *Instagram* e *WhatsApp*.

Quanto ao *locus* da pesquisa, optamos pela aldeia Reserva da Jaqueira respaldada nas relações ao longo da vida pessoal e acadêmica em que estabelecemos contatos com essa comunidade, e também na compreensão de que esses sujeitos políticos construirão conosco os perfis dos sujeitos comunicantes daquela localidade em seus processos midiáticos, o que

permitirá avançar em nossas análises e conhecimentos acerca da Comunicação no contexto indígena.

4. Na arquitetura do Estudo de Caso

É desse e nesse contexto que essa intenção de pesquisa se vincula, a partir das interações estabelecidas pelos Pataxós com as diferentes mídias, rompendo com os estudos de midiatização em que são ignorados os aspectos socioculturais e as características dos sujeitos e em que os meios de comunicação são os protagonistas do processo comunicacional, quando se buscava a influência desses no público.

Quanto à constituição do estudo de caso compartilhamos com reflexões apresentadas em Eco (2014) e em Ferreira (2015) ao explicitarem que uma aproximação do caso se dá pela sensibilidade do/a pesquisador/a. Nessa direção, o primeiro autor propõe que é preciso apreender o fenômeno num sentido diverso, interpretando-o por inferências lógicas, isto é, por um método de investigação em que sejam associados percepções e raciocínios lógicos. Já para o segundo, além da sensibilidade para a apreensão do fenômeno, deve-se observar as três premissas: o caso, as regras ou as lógicas internas e os resultados/hipóteses em construção, essas sempre em conexão, conforme a relação triádica de Peirce.

Em consonância ao que foi proposto não se pode negar as dimensões sensitiva e emotiva na apreensão dos dados que vão sendo revelados, uma vez que o/a pesquisador/a precisa exercitar sua capacidade de perceber as idiossincrasias oferecidas pela empiria, questionando-se permanentemente e construindo uma sensibilidade para a pesquisa que se dará na inter-relação da tríade: abdução, indução e dedução; e, principalmente por inferências lógicas. Assim, defendemos que a apreensão lógica dos modos de utilização das mídias pelos Pataxós demanda leituras⁷ dos contextos sociais, culturais, tecnológicos e dos sentidos construídos por esses indígenas. Tais argumentações nos permitem pensar em leituras plurais, superando, assim as interpretações que consideram os indígenas como genéricos assim também do estudo da midiatização a partir de seus impactos sobre determinada comunidade.

Sobre a ressalva anterior, Eco (2011) sugere que devemos ir além dos lugares comuns do discurso da dicotomia, *apocalípticos e integrados*, isto é, para além da retórica dos meios de

⁷ A leitura aqui suscitada diz respeito a leitura das práticas midiáticas por meio da etnografia. Um texto muito interessante que traz um bom exemplo da utilização da etnografia é “O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução”, de Robert Darton (1990).

comunicação como excludentes ou redutores da sociedade, colocando essas discussões em uma relação dialética, ativa e consciente.

4.1. A Pesquisa em outras Pesquisas

Na arquitetura de um estudo de caso devemos procurar as características essenciais de nossa pesquisa em outras já realizadas. Esse percurso pode nos ajudar na busca de novas teorias e de questões que servirão como base para futuras investigações.

Assim, para avançarmos na constituição desse estudo de caso temos adotado vários procedimentos metodológicos, com idas e vindas, da empiria à teoria e vice-versa, envolvendo a análise crítica de estudos já realizados sobre a temática, o estudo do contexto, reflexões de ordem técnico-metodológicas – sempre em confluência e em tensão para o entendimento do caso, uma vez que essas configurações não estão dadas, entretanto, são construídas no processo, a partir da percepção subjetiva do/a pesquisador/a e das manifestações do objeto de pesquisa (e esse é por natureza complexo e dinâmico).

Com vistas ao entendimento dos processos midiáticos na referida comunidade indígena, realizamos um dos movimentos de pesquisa, a Pesquisa em outras pesquisas. Essa metodologia se configura como a leitura dos “rastros deixados por outros caminhos já percorridos em pesquisas anteriores” (Lacerda, 2007, p. 80), o que exige um revisitar interessado e reflexivo das pesquisas realizadas, com vista a identificar o que essas pesquisas podem oferecer para a construção do projeto. Bonin (2011) ainda expõe que ao realizarmos o levantamento do que já foi investigado sobre o nosso objeto de pesquisa, devemos realizar ações interdependentes como reflexão e desconstrução que nos permitam empreender apropriações, reformulações e alargamento dessas propostas, em vários níveis.

Assim, empreendemos esforços com vistas a um mapeamento geral de pesquisas realizadas, a partir de buscas em anais de congressos nacionais realizados pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom e pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação – Compós. Essas investidas possibilitaram o levantamento de pesquisas científicas realizadas nos últimos quinze anos⁸ e a identificação dos Grupos de Trabalho em que essas pesquisas estão inseridas.

As pesquisas foram realizadas levando em consideração as palavras-chave “Indígenas”, “Mediações”, “Processo Midiático” “Cultura e ambientes midiáticos”, “Índios”, “Questão

⁸ Tanto no site da Compós quanto no site da Intercom os anais disponibilizados são os publicados a partir de 2000.

Indígena” “Etnicidade” e “Pataxós”. Buscamos também no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) os trabalhos produzidos nos últimos 5 anos. Os resultados mostraram uma diversidade de pesquisas acadêmicas, contudo, nos deparamos com uma carência de pesquisas sobre a relação processos midiáticos no contexto indígena baiano.

Dentre as 862 resumos (de dissertações e teses) analisados, só uma dezena apontou estudos relevantes sobre os povos Pataxós, mas, em sua maioria o enfoque era sobre “territorialidade”, “cultura” e “identidade”, nenhuma sobre mídiatizações. Nesse item, observamos a presença da abordagem interdisciplinar como metodologia para análise das experiências indígenas, pondo a questão étnica em diálogo não apenas com a Antropologia, mas também com a História, Linguística, Sociologia. Além da interdisciplinaridade, percebemos que as pesquisas sobre povos indígenas estão transversalizadas por temáticas como, cultura, língua, linguagem, arte, discurso, estética, economia, política, entre outras. Aspectos que apontam para as necessidades de reconhecer quais são as problemáticas pertinentes, os objetos, os projetos e as pesquisas que garantem uma ênfase, um foco e uma centralidade comunicacional e problematizar acerca de metodologias que possibilitem investigações em que ocorra confluência lógica e conceitual de vários métodos.

As mídiatizações no contexto dos Pataxós estão atravessadas por questões inerentes aos processos sociocomunicativos assim também às questões culturais, políticas, sociais e étnicas, o que tem nos permitido acolher a inferência de que os processos de mídiatização operam em diferentes esferas da sociedade, influenciando na construção de identidades, de imaginários; os meios também como produtores de realidades. Assim, procuramos discutir as compreensões dos Pataxós acerca de suas práticas midiáticas, atentando-se para a inclusão da cultura, da memória do povo Pataxó e das questões políticas, bem como entender as estratégias e táticas construídas por eles quanto aos usos e apropriações de mídias.

A compreensão das articulações entre mídiatização, cultura e vida social desses Pataxós terá como ponto de partida seus contextos de realização, porquanto estes são sistemas conglomerados e articulados de relações sociais e simbólicas, cuja explicação das ações, do jeito de ser Pataxó está no lugar que cada um e o coletivo ocupa, no conjunto de funções que desempenha e na estrutura de realização da vida social, o que implica em descrições e análises

dos elementos que compõem a pesquisa empírica, bem como da participação da pesquisadora no contexto da pesquisa.

4.1 A pesquisa empírica: em busca de indícios essenciais e acidentais

Os primeiros movimentos da pesquisa empírica têm sido delineados a partir de alguns movimentos: descrição do contexto sócio-histórico-cultural, levantamento do perfil social dos sujeitos e análises dos processos comunicacionais. Esses desmembrados em ações menores, objetivando: levantar dados que permitam visualizar os usos e apropriações de mídias na Reserva Pataxó e de como essas práticas sociocomunicativas vêm se configurando nesse contexto; mapear os processos midiáticos, priorizando as táticas de apropriações, especificamente aquelas que articulam questões da identidade cultural; explorar aspectos relativos a configuração das identidades culturais e sua articulação com os usos e apropriações; analisar os dados coletados em termo do que revelam sobre os usos e apropriações e em termos de que demandas essas questões colocam para a construção teórica da pesquisa e experimentar procedimentos investigativos no acercamento do fenômeno.

Para os movimentos empíricos esboçamos diversas ações e procedimentos metodológicos, desde observações participativas, vivências no cotidiano da aldeia para conversas mais informais, realização de entrevistas semiestruturadas com informantes-chave à levantamentos da trajetória histórica de constituição desse grupo. Momentos permeados por gravações e registros fotográficos, buscando nesses movimentos a construção de um ambiente de pesquisa sustentado pelo respeito e pela ética. Como afiança Geertz (2001), o pesquisador deve reconhecer-se como sujeito posicionado, situado no ambiente na condição de transitoriedade e que deseja estudar o lugar por um determinado tempo. Assim, participando, mas ao mesmo tempo distanciando-se do ambiente pesquisado.

Concordamos em parte com Geertz (2001), no entanto avaliamos que a percepção de Gonçalves (2014) seja coerente, ao se referir que nas pesquisas de processos sociais é impossível limitar-se a observar e ouvir os participantes porque os objetos de estudo, pela sua própria natureza dinâmica, inspiram a interação do/a pesquisador/a – ainda que seja como um estranho, acaba por interferir na rotina cotidiana dos sujeitos, ora como alguém que observa, ora como observado, numa participação controlada que se desenvolve com base na conversação.

Em diferentes inserções, utilizaremos também, de forma combinada às observações, as entrevistas semiestruturadas, individual e/ou coletiva, como técnicas de coleta de dados acerca dos sentidos atribuídos aos usos e apropriações de diferentes mídias, por considerarmos que esses procedimentos convergem com os pressupostos da pesquisa qualitativa, logo com os do estudo de caso. Os subsídios gerados através desses movimentos de pesquisa promoverão a construção do estudo de caso, permitindo, assim, trabalhar na elaboração de configurações teóricas sensíveis aos objetos concretos da realidade comunicacional em questão.

Considerações Finais

Os estudos até então realizados vem apontando para a importância do levantamento de indícios essenciais (o que demanda a realização de pesquisas empíricas para o levantamento de dados acerca dos usos e apropriações de mídias pelos indígenas Pataxós) e acidentais (como os aspectos relativos à configuração das identidades culturais, das reivindicações políticas e da construção de cidadanias comunicativas nos diferentes processos midiáticos), com vistas à construção de modelos interpretativos tanto das regras internas de funcionamento desse estudo de caso quanto de sua inserção teórica, indo ao encontro das exposições de Braga (2008), quanto a comunicação como disciplina indiciária.

No entanto, salientamos que há muitas variações de estudo de caso. E que essa epistemologia é de grande utilidade em pesquisas que demandam movimentos exploratórios. Como toda teoria e metodologia, o estudo de caso também apresenta avanços e limites na sua aplicação. Assim, inferimos que a epistemologia apresentada não exclui as demais, uma vez que a busca de indícios não nos remete a fenômenos imediatamente evidentes, pois a base do paradigma não é colher e descrever indícios, mas sim, a capacidade de, a partir de “dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimental diretamente” (Braga, 2008, p. 78).

Assim sendo, o entendimento das mídiatizações como atos sociocomunicativos que emergem sempre de um contexto histórico e cultural, demandam análises de ordem interdisciplinar, sem perder de vista o campo em que esta pesquisa se encontra inserida, na Comunicação. Esse processo como um movimento em que há regularidades e dispersões, em que, sua materialização se dará na interação sociocultural, o que envolve tomada de posições axiológicas. É nesse sentido, que nos propomos à realização dessa investigação, com o intuito de vencer uma “surdez coletiva” quando se discutem as demandas de povos indígenas.

Referências Bibliográficas

BONIN, J. A. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al (Orgs.). **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BRAGA, J. L. Comunicação disciplina indiciária. In: **Revista Matrizes**. Vol. 1. N. 02, abril de 2008. Disponível em: <<http://www.redaly.org/articulo.oa?id=143017353004>>. Acesso em agosto de 2015.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes; 2006

COUTINHO, E. G. **Os sentidos da Tradição**. In: BARBALHO, A.; PAIVA, R. (Orgs). Comunicação e Cultura. São Paulo: Paulus, 2005.

DARTON, R. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ECO, U. **Apocalípticos e Integrados**. 7. ed. São Paulo: Perspectivas, 2011.

ECO, U. “Você conhece meu método”: uma justaposição de Charles S. Pierce e Sherlock Holmes. In: ECO, U. **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FAUSTO NETO, A. Ombudsman: a interrupção de uma fala transversal. 6º SBPIOR – **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Bernardo do Campo, SP, 2008.

FERREIRA, J. Dispositivos midiáticos e processos sociais: um debate sobre a midiaticização. **Revista do Instituto Humanita Unisinos Online**, 17/09/2015. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2478&secao=289>. Acesso em outubro de 2015.

FERREIRA, J.; ROSA, A. P. da. Mídia, cidadania e poder. In: TEMER, A. C. R. P.(org.). **Mídia, Cidadania e Poder**. Goiânia: FACOMB/FUNAPE, 2011.

FORD, A. **La marca de la bestia: identificación, desigualdades e infotretretenimiento en la sociedade contemporânea**. 2. ed. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

FORD, A. Culturas populares e (meios de) comunicação. In: FORD, A. **Navegações: comunicação, cultura e crise**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

FUNASA (2010). Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>. Acesso em outubro de 2014.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONÇALVES, D. C. **Midiatização e contexto rural**: análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos em comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes Acre. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação). São Leopoldo: UNISINOS, 2014.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e medições culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LACERDA, J. de S. **Ambiências comunicacionais e midiatização digital**. Qualificação de doutorado. São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

MALDONADO, A. E. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. Efendy; BONIN, J. A.; ROSARIO, N. M. (org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: Novos desafios na prática investigativa. Salamanca: COMUNICACION SOCIAL EDICIONES Y PUBLICACIONES, 2013.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis. (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Mauad, 2006.

PICCININ, F.; SOSTER, D. de A. **Da anatomia do telejornal midiaticizado**: metamorfose e narrativas múltiplas. Brazilian Journalism research. Vol. 8. N. 3, 2012. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/427>>. Acesso em agosto de 2015.

PORTO, H. T. **As escolas indígenas das aldeias de Cumuruxatiba (BA) e a reconstrução da identidade cultural Pataxó**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar Educação, Administração e Comunicação). São Paulo: Universidade São Marcos, 2006.

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

ROSA, A. P. da. Entre a imagem do totem do mensalão e a novela das 21h. In: **Revista Interin**. Vol. 15, n. 1, jan/jun Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://seer.utp.br/index.php/vol11/article/view/264/pdf>>. Acesso set de 2015.

ROSA, A. P. Ecos visuais no Youtube. In: **Revista Significação**. Vol. 14. N. 41. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/83428>>. Acesso set de 2015.

RUSSI-DUARTE, P. A (re)territorialização midiaticizada por migrantes uruguaios. In: **Revista Fronteira – Estudos midiáticos**. V. 1, n. 1. São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

SAMPAIO, J. A. L. Breve história da presença indígena no extremo sul baiano e a questão do território Pataxó do Monte Pascoal. **XXII Reunião Brasileira de Antropologia**. Fórum de Pesquisa 3: “Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação”. Brasília, 2000.

SBARDELOTTO, M. **O leigo-amador no contexto da mediação**: uma análise da circulação do religioso na internet. Disponível:<http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT15_RECEPCAO_PROCESSOS_DE_INTERPRETACAO_USO_E_CONSUMO_MIDIATICOS/compos2014_2_2273.pdf>. Acesso em set 2015.

SILVA, A. L. da; FERREIRA, M. K. L (orgs.). **Antropologia, história e educação**. 2. ed. São Paulo: Global, 2000.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VERÓN, E. Teoria da mediação: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. In: **Revista Matrizes**. Vol 8. N. 1 jan/jun. São Paulo, 2013. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.11606/issn-8160.v8i1p13-19>>. Acesso set de 2015.

VERÓN, E. Espaços de suspeita. In: VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VERÓN, E. Abdução fundante. In: VERÓN, E. **Semiosis social 2**: ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.

YIN, R. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.